



PORTUGUÉS

Há uns dias que acontecia ficarmos a fumar depois do almoço e deixarmos a conversa descair até adormecermos profundamente, cada um em seu canto. Hoje não foi diferente. O Harris preocupava-se cada vez mais com a imobilidade do imobiliário e nem eu próprio, que era o principal interessado, podia já suportar as minhas lamúrias sobre o preço do papel e a difícil arte da edição. O George adormecera de charuto em riste, mas nem eu nem o Harris nos dispusémos a fazer o que quer que fosse para lhe poupar o embaraço das consequências. Entreolhámo-nos em silêncio. Pareceu-me a certa altura que o George cantava no sono. A princípio dir-se-ia que ressonava apenas, mas a pouco e pouco fui discernindo uma espécie de padrão que se assemelhava a uma melodia, embora irreconhecível. A minha hipótese revelou-se acertada quando o George, ainda de olhos fechados, disse:

-- Acordei hoje com esta música na cabeça e não consigo lembrar-me do que é.

A memória do George já não é o que era, embora eu não me lembre muito bem de como ela era. Pedimos-lhe, sem entusiasmo desnecessário, que cantasse mais alto, o que ele fez, sem qualquer resultado. Desiludido, o Harris disse:

--É a rotina, embota a memória.

-- É bem verdade, -- disse eu, -- todas as faculdades precisam do seu exercício. Se vivemos meramente de hábitos, realizamos todos os dias os mesmos gestos, dizemos as mesmas coisas como autómatos, de que serve termos memória? De que serve termos imaginação. A coisa envergonha-se até de existir.

Traducir el texto.